

A árvore do conhecimento e a árvore de Natal
O ambiente de Natal na novela *Cristal de rocha*, de Stifter
Rudolf Steiner

GA 165* Basileia, 28 de dezembro de 1915

Tradução: Salvador Pane Baruja, 01/01/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Os senhores acabam de ouvir a respeito da união da festa de Natal com o espírito da natureza.¹ De fato, ao olharmos a árvore iluminada na escura metade do inverno, esse pensamento deve penetrar profunda e calorosamente o nosso trabalho científico-espiritual no ramo. De todos os símbolos que penetraram a vida espiritual, não de uma consciência superficial, mas de certo caráter elementar, o da árvore de Natal é realmente um dos mais recentes. Se voltarmos 200 anos à época do desenvolvimento da vida espiritual européia, só encontramos a árvore de Natal esporadicamente presente. Como símbolo do Natal, ela não é muito antiga. O pensamento da árvore de Natal, um dos mais recentes símbolos cristãos e que gera alegria e o impulso de gratidão no coração da criança, une-se a um outro pensamento, que se tornou imensamente querido em muitos dos nossos ramos, e do qual não gostaríamos de prescindir quando festejamos a festa do Natal.

Na verdade, a árvore de Natal se relaciona com profundos sentimentos e sensações a respeito da essência e do significado da noite da consagração, apesar de que somente nos últimos tempos ela surgiu do profundo inconsciente do coração humano e se transformou no símbolo cristão do Natal. Na Idade Média, era comum assistir peças de Natal durante o período do Natal, do ano novo e dos três reis magos. Após longa preparação, os camponeses visitavam as aldeias próximas e apresentavam o nascimento do Cristo. Mostravam a chegada dos três reis, dos três magos, diante do Cristo recém nascido. Mas também mostravam no chamado auto do paraíso o que o primeiro livro de Moisés apresenta como a criação da nossa Terra, aquela cena que esclarece e desvenda poderosamente os segredos da nossa própria alma, que deve surgir frequentemente perante nossos olhos, a cena do início da Terra, na qual ressoam as significativas palavras: “Comerás livremente o fruto de qualquer espécie de árvore que está no jardim; contudo, não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal”.² A recordação da ligação interior do início da criação da Terra com a festa do Natal só se manifesta hoje em dia no calendário, que indica o 24 de dezembro como o dia de “Adão e Eva” e, no dia 25, a festa do nascimento do Jesus Cristo.

Contudo, mais como sentimento do que como pensamento, não se pode deixar de sentir: será que não é a partir do escuro subterrâneo do sensível, cristão, coração humano que surgiu o impulso de, no dia do nascimento do Jesus Cristo, erguir aquela antiga árvore do mundo, a árvore do centro do paraíso, da qual na verdade não se deveria ter comido? A peça de Natal foi apresentada. Como lembrança do paraíso, ficaram a árvore do paraíso e a união dela com os sentimentos que temos a respeito do nascimento do Jesus Cristo.

Não quero desenvolver teorias aqui, pois este dia de festa não é para isso. Certamente, é possível dizer algo diferente sobre as razões do surgimento da árvore de Natal, mas a partir dos sentimentos que surgem enquanto estamos ao seu lado, na medida que iluminamos no nosso coração justamente aqueles sentimentos que nos ligam nesta festa com os sentimentos mais infantis do ser humano; a partir desse sentimento, pode-se dizer, olhando a árvore de Natal, porque vê-se nela algo como que a renovação da árvore do paraíso. Não se pode tomar essa árvore realmente como um símbolo pagão, nem como pagão do norte da Europa.

Quando a neve cobre a Terra, quando pingentes de gelo ficam pendurados do teto das casas e de galhos das árvores e as pessoas saem das regiões da Terra onde durante meses o verde e o

¹ - Esta é a segunda conferência de Rudolf Steiner no mesmo dia, 28 de dezembro de 1915.

² - Moisés, 2, 16-17.

colorido mundo das flores encantam os olhos, onde as frutas satisfazem as necessidades humanas, quando o ser humano tinha que buscar refúgio daquilo que lá fora ele acreditava existir para ele, e do qual se ocupava durante a primavera e o verão, quando ele tinha de buscar refúgio na casa para se aquecer no seu interior, então o pagão sentia um pouco de como seria o mundo, se o mundo tivesse ficado entregue a si mesmo. O pagão sentia o grande inverno do fim da existência da Terra, quando ele se sentia abandonado pelos espíritos da natureza, especialmente por aqueles que ele sentia como gnomo, undinas e silfos, quando ele tinha de fugir no interior de casas com lareira, fuga que o levava a abandonar a sua querida natureza, e só através de uma pequena abertura enxergava aquele espaço onde ele não podia mais estar. Quando ele vivenciava esse abandono no inverno, então sentia como o fim da existência da Terra transbordava, como o grande inverno do mundo se expandia no infinito.

O cristão poderia argumentar, talvez não a partir de uma compreensão teórica, mas de uma compreensão sensível, dizendo que o pagão poderia ter razão, isso poderia ter acontecido com a Terra, se a árvore pudesse ter desdobrado o efeito daquilo que, por meio da tentação luciférica, o ser humano passou a usufruir indevidamente do fruto do conhecimento do bem e do mal. Quando se pensa nesse sentido no desenvolvimento da Terra, nessa meta terráquea após o abandono e a solidão do inverno, após o frio e o gelo, inclusive no aspecto anímico do que seria iminente para o terráqueo, e quando se consegue ligar isso ao efeito da tentação luciférica, às consequências do gozo da árvore do conhecimento do bem e do mal, aí então é possível sentir o que significa esse pensamento do Cristo.

Em lugar do pensamento do Cristo, o ser humano ganhou consciência do pensamento de páscoa do desenvolvimento cristão, aquele pensamento que, por meio dos símbolos de páscoa, conta que o ser humano foi libertado de tudo aquilo que representa a tentação luciférica. A grandiosa vivência do pensamento de páscoa pode entretecer a alma na primavera [[NT: no hemisfério norte, a primavera transcorre de meados de março a meados de junho]] com a natureza que desperta. Muito diferente é o que acontece com o pensamento do Natal, esse outro lado do pensamento cristico. Para compreender o pensamento da páscoa, é preciso ter um conhecimento anterior. Eu diria que as mais tenras criancinhas compreendem sentindo o pensamento do Natal. E, quando se pesquisa entre as crianças, o que vem a ser realmente esse pensamento do sentimento natalino, que surge depois que a árvore de Natal for instalada, as luzes acesas, os presentes colocados ao redor da árvore, o que vem a ser esse pensamento do sentimento natalino, quando as crianças são trazidas até a árvore, quando elas recebem os presentes trazidos por Cristo, o que é a essência disso?

As crianças talvez não saibam, mas elas sentem inconscientemente naqueles níveis muito profundos da alma humana que, por isso mesmo, nem sempre é possível trazê-los à consciência. O que é realmente essa essência que de fato vive nas crianças, se for pesquisada corretamente, quando elas são chamadas para se aproximar à árvore de Natal e ouvem que um ser extraterreno trouxe esses presentes? Não são aqueles presentes que elas mesmas podem recolher no riacho na primavera ou no verão, não, isso vem do supra-sensível. Então, o que palpita nas crianças? Pode-se dizer que, quando se pesquisa com os olhos do que se pode chamar de videntes, que podem ser conquistados passo a passo, vê-se no fundo do coração das crianças o mais significativo, o sentimento mais intenso, que vive inconscientemente na alma da criança é uma gratidão profundamente arraigada.

Sente-se, então, algo parecido a um pensamento que libera o sentimento de gratidão. Porque essa gratidão ganha espaço no coração, na alma da criança? Porque será? Porque, na verdade, na sua mais íntima inconsciência, esse coração fala assim: Meninos, deveríamos ser gratos porque não fomos abandonados, porque um ser das alturas se inclinou em nossa direção e quis morar na Terra em meio aos seres humanos; porque naquela Terra, que em consequência da tentação no paraíso deveria ficar escura, fria e paralisada como no grande inverno, penetrou um ser para preparar sua existência, que é visto todo ano novamente no frio, escuro e sombrio inverno, nessa estação que

simbolicamente lembra aquele fim da Terra. Devemos ser gratos ao espírito do mundo, que desceu à Terra, se unificou com o desenvolvimento do homem na Terra, de tal forma que não precisamos temer que o grande inverno virá, mas devemos ter a esperança de que, quando devido ao decurso natural da Terra, após a geada Terra-Cosmos acontecer o grande inverno, aí estará aquele ser que, anualmente, sob a forma de uma criança, se aproxima de nós e rejuvenesce a Terra, para que ela não vá endurecer no caminho de sua próxima existência no cosmos. É por isso o calor infinito que surge dessa festa do Natal. É por isso, diria eu, que a festa do Natal tem esse caráter muito curioso de uma confirmação. A festa do Natal tem algo assim que confirma o Cristo.

Na festa do Natal, pode-se sentir que é verdadeiro aquilo que é apresentado, devido a que, assim que o pensamento desta festa do Natal surge no coração da criança, ele também abrange todo o amplo significado desse coração infantil, dessa alma infantil do ser humano, realmente abrange tudo o que é infantil no ser humano, independente se esse elemento infantil se manifesta numa criança ou numa pessoa de idade avançada. Justamente aquelas pessoas que efetivamente conseguem sentir, de um lado, a natureza exterior com toda a sua beleza da primavera e do verão e, do outro, captar a particular sensação de abandono do inverno, o ambiente de consagração da época do Natal, elas também conseguem sentir esse caráter confirmatório da festa do Natal.

Um poeta, que dedicou parte de sua vida a uma minuciosa observação da natureza, também falou grandiosamente sobre a festa do Natal, esse poeta proferiu estas palavras: “as pessoas dizem que a trovada é grandiosa, que a tempestade é grandiosa, um terremoto, uma erupção volcânica, pode ser grandiosa. Eu acho grandiosa a joaninha pequenina que anda na folha, quando ela é sentida na sua essência”. Mais ou menos assim é que o poeta Adalbert Stifter³ falou. É a partir desse seu conhecimento do grandioso no pequeno da natureza, de que o espiritual vive em toda a natureza, surgiu seu belo conto do Natal, em cujo motivo básico tece e vive esse elemento confirmatório da festa do Natal.

O poeta leva-nos aos Alpes, onde um solitário vale se alinha a um vale vizinho. Em cada vale existe um povoado. Como é comum nos Alpes, os habitantes de um vale têm muito pouco contato com os moradores do vale vizinho, pelo menos nos velhos tempos era assim. Mas acontece que o morador de um desses vales, um sapateiro, estava casado com uma mulher que nascera no vale do lado. Quem nasce apenas um pouco além do ponto mais alto da montanha já é considerado um forasteiro. O casal tinha filhos e os avós maternos viviam lá no outro vale alpino. O avô não tinha muita afinidade com o genro, por isso não tinha muito contato com as crianças, mas no passado a avó as visitara frequentemente.

As crianças cresceram, ainda eram pequenas, a avó já era velhinha e não podia vê-las frequentemente. Então, as crianças visitavam a avó. Certa vez, era no dia da chamada Noite de Natal, os meninos foram mandados para a aldeia do vale vizinho, o tempo não tinha nada de perigoso. As crianças foram andando. Como eram crianças muito jovens ainda, com sua pouca consciência só tinham estado poucas vezes diante da árvore de Natal no silêncio noturno da cabana alpina e ouvido algumas palavras sobre o mistério crístico. Então, embora ainda fossem crianças pequenas, foram mandadas visitar a avó na aldeia vizinha. Era de se esperar que o tempo continuasse bom. As crianças andaram para a casa da avó na aldeia vizinha. Lá, a avó deu-lhes alguns presentes e advertiu que deveriam voltar com muito cuidado para casa. Mas, veja só, logo após deixarem a casa dos avós começou a cair neve. As crianças tinham que subir a montanha até o próximo vale. Mas elas perderam o rumo e não acharam mais o caminho. Estavam sem rumo. O menino, que era um pouco maior do que a irmãzinha, a protegeu com todo carinho. Passaram inclusive por geleiras e só conseguiram manter suas poucas forças porque beberam o café pronto que receberam da avó. O menino tinha ouvido alguma vez que, bebendo café, a pessoa pode se proteger do frio. Mas, mesmo assim, não acharam o caminho de casa. Aos poucos, a escuridão virou noite. As crianças estavam lá em meio ao gelo e à neve no alto da montanha e não ouviram como os

3 - Adalbert Stifter, 1805-1868, *Cristal de rocha (Bergkristall)*, relatos.

sinos tocavam celebrando o Natal. Assim ficaram toda a noite do Natal. Enquanto isso, não somente os pais das crianças, mas toda aldeia foi tomada pelo temor e pelo medo.

Os moradores saíram da aldeia, procurando as crianças que estavam lá na solidão do alto da montanha. Elas tiveram que esperar até o amanhecer chegar lentamente, mantendo-se aquecidas do jeito permitido pelo pouco engenho que possuíam. Por baixo, elas tinham a neve e o gelo e, por cima, as estrelas. Quando o amanhecer despontava, elas olharam para as montanhas e viram por cima uma resplandescendente luminosidade. Bom, finalmente os moradores acharam as crianças, que foram levadas para casa e colocadas na cama, porque estavam endurecidas pelo frio. Elas tinham perdido a noite do Natal, mas mesmo assim receberam os presentes no dia seguinte. Antes disso, os pais as levaram para se aquecer na cama.

Não vou citar todas as cenas que este poeta narra de maneira envolvente o que acontece no fundo do coração do ser humano, bom, a mãe sentou-se à beira da cama da menininha e pediu-lhe que contasse as terríveis situações que ela vivera junto com seu irmão. A menina, que até então só tinha ouvido algumas poucas palavras sobre o significado da festa crística, disse: “Mamãe, quando nós estávamos lá no alto, estava muito frio e só víamos neve e estrelas, aí olhei as estrelas e, sabe mamãe?, o que vi quando olhei para o céu? Eu vi o santo Cristo!”.

Como eu disse, um relato como esse tem algo confirmatório, porque é testemunha da profundidade com a qual o pensamento crístico se une de maneira natural, elemental, ao coração humano, mesmo que a pessoa ainda não tenha ouvido falar do pensamento crístico. Daí que esse pensamento deve estar bem profundamente instalado no coração humano. Em qualquer idade, na mais tenra infância, dá para entender isso. O poeta Adalbert Stifter disse a verdade. Dá para entender o que ele disse, de que mesmo uma criança pequena pode ler na escrita das estrelas o que o santo Cristo diz. A gratidão tem uma relação direta com o fato do mundo de que um deus quis descer à Terra para que os seres humanos não se sintam sozinhos durante o desenvolvimento da Terra. O ajudante divino nos tirou da solidão.

E a criança sente isso. Esse sentimento de gratidão perante os poderes do mundo pode estar tão profundamente presente, pode ser um caloroso sentimento infinito, que o coração do ser humano parece fundir-se na noite do Natal; isso faz a vida na noite do Natal, na noite da consagração, espiritualmente quente no frio do inverno, faz a vida na noite do Natal, na noite da consagração, de tal forma luminosa na escuridão do inverno, justamente quando o sol está no seu ponto mais baixo no horizonte.

Nós que buscamos o conhecimento devemos fazê-lo de outra maneira, de maneira diferente de como ele era quando se retirou do espírito da tentação. Pois, nós realmente buscamos o conhecimento. Sim, buscamos o conhecimento espiritual. Devemos compreender o valor da árvore do conhecimento, pois quando o entendemos corretamente ele é também para nós a árvore do conhecimento. Mas não devemos deixar-nos levar pelas forças luciféricas. No lugar disso, devemos aceitar o conhecimento do Cristo, que desceu à Terra. Pois quando o Cristo nos oferecer a árvore do conhecimento, o coração do ser humano, a aspiração humana pelo conhecimento, deve recebê-lo.

Aquilo que Lúcifer não vai oferecer ao homem, o Cristo o faz. É assim que se renova a árvore do paraíso e passa a ser a árvore crística. Aquilo que Lúcifer ofereceu ao ser humano como tentação é o que o Cristo reapresenta em sinal de reconciliação. E assim mesmo o mais maduro pensamento da aspiração ao conhecimento é associado ao pensamento infantil da árvore do Natal. Assim como a criança aceita as dávidas da natureza e da sociedade, e também aceita a dádiva divina na noite do Natal, assim também aceitamos o que consideramos divino e valioso, as dádivas da árvore do conhecimento do Cristo, que quis unir seu impulso aos impulsos da Terra.

De um lado, vamos entender como tornar viva no sentido de nossa visão de mundo a calorosa gratidão à essência do Cristo, que quis vir à Terra para libertar o ser humano da solidão, e vê-se simbolizada na escuridão e no frio do inverno, e, do outro lado, surge o símbolo do calor espiritual que o ser humano pode partilhar com as potências espirituais, o verdadeiro calor que

irradia da consciência, vem do nosso espírito e podemos deixá-la penetrar em nosso coração, se compreendermos no sentido correto o símbolo da árvore do Natal, da renovada árvore do conhecimento, que o Cristo nos oferece, se deixarmos que esse símbolo do Natal que aquece o frio do mundo fale ao nosso coração.

* GA 165 A união espiritual da humanidade através do impulso do Cristo, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1981.